

Segundo Grau vai mudar

A rede pública vai entrar no processo de modernização com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Sem verba, governos estaduais resistem às modificações

O Ministério da Educação (MEC) anuncia, para o ano que vem, mudança na estrutura do ensino de 2º Grau que vai refletir diretamente no vestibular. De acordo com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), os professores são os principais envolvidos nessas mudanças, pois terão que reformular todos os seus métodos de ensino.

A nova lei propõe uma substituição das disciplinas (química, física, biologia, etc) por uma base curricular de conteúdos e habilidades. Isso quer dizer que não haveria mais professor de matemática e sim, alguém que ensinasse conceitos matemáticos utilizando informática, conhecimentos esportivos, ou mesmo história da arte.

“Todo mundo terá que passar por um processo de capacitação para ter condições de ensinar de forma multidisciplinar”, preocupa-se o diretor da divisão de ensino médio da Fundação Educacional do Distrito Federal, Gilmar Souza Ribeiro. Ele acrescenta que está temeroso com diante da capacidade de adaptação à nova abordagem.

Gilmar diz ainda, que a mentalidade dos professores terá que ser mudada desde a sua formação nas faculdades. “Não adianta mudar a mentalidade de quem já está no mercado, se o ensino superior continuar formando profissionais com uma visão obsoleta”, argumenta.

A rede pública também entra no processo de modernização do 2º Grau. Mas os governos estaduais afirmam que não têm condições de arcar com os custos da reforma. Por isso o MEC vai pedir uma linha de financiamentos junto ao Banco Mundial para bancar cursos de formação para professores. Mas isso implicaria uma contrapartida dos estados. “O ensino médio não é prioridade e o dinheiro disponível fica curto”, avisa Gilmar Ribeiro.

Outro ponto reforçado pelos colégios públicos: a necessidade de aumentar os salários dos professores. “Uma pessoa que tenha a qualificação exigida pela reforma não aceitará trabalhar pelo que se oferece na rede pública hoje (os salários variam entre R\$ 250 até R\$ 1.100 no país)”, prevê Gilmar Ribeiro.

Ele cita a situação de muitos estados onde pessoas que ainda não concluíram o 2º Grau são contratadas para dar aulas no ensino médio por falta de interesse dos profissionais com formação adequada.

A mudança proposta pela LDB no ensino de 2º Grau de substituição das disciplinas (química, física, biologia, etc)

por uma base curricular de conteúdos e habilidades vem preocupando diretores de colégios e vestibulandos.

Para o diretor do colégio Equipe, de São Paulo, Luís Márcio Barbosa, “apesar da liberdade de se criar novos processos seletivos, dada pela LDB, as grandes universidades mudaram muito pouco nesse sentido”. A questão ganha especial importância nos colégios particulares. Isso porque a maioria dos alunos vem das classes média e alta e pretende fazer universidade.

RECEIO

Apesar de todo sofrimento provocado pelo vestibular, os alunos parecem os mais receosos em relação às mudanças. Melissa Gabeira, 18 anos; Thaísa Leite, 19; Silvane Oliveira, 18, e Fernanda Proença, 20, estão estudando tanto para entrar na universidade que descartam completamente a possibilidade de namorar.

“Não dá tempo, além de tirar a concentração”, explica Fernanda. Elas passam uma média de nove horas diárias com a cara enterrada nos livros e dizem que estão estressadas. Mas quando a questão é mudar o currículo do 2º Grau, respondem unânimes: “Não vai ser muito legal”.

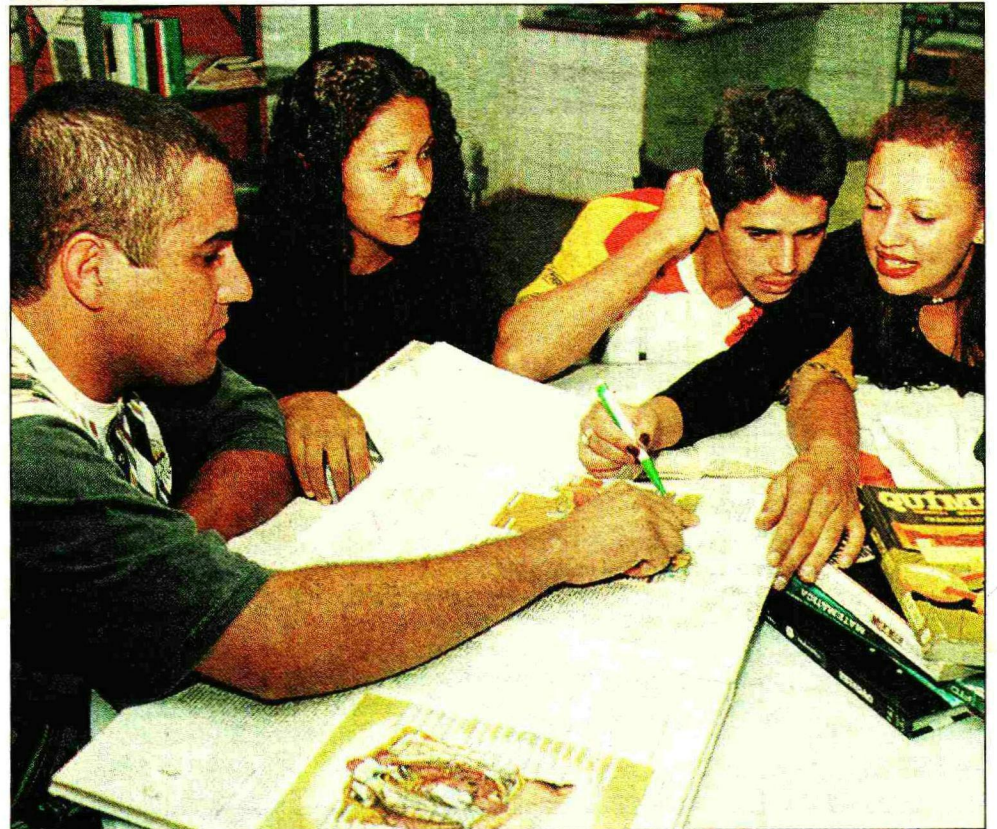
As vestibulandas acreditam que é preciso saber um pouco de tudo e o sistema de disciplinas permite isso. Elas temem que um sistema mais diversificado em termos de conteúdo não ofereça uma base adequada.

Ronaldo Abdalla, 19 anos, tenta uma vaga no curso de Medicina na UnB e só pára de estudar aos domingos. Nada de farras com os amigos e bebidas. No máximo, um bate-papo, mas sem varar a madrugada.

Na visão dele, o vestibular é um desdobramento natural do atual sistema de 2º Grau. E quando pensa em mudança, não gosta muito. “Pode ser que para cursos menos concorridos a liberdade de escolher algumas disciplinas seja boa. Mas quem pretende entrar em áreas de muita competição tem que saber muito detudo”, justifica ele.

Karine Farias, 19 anos, candidata a uma vaga na Engenharia Florestal, da UnB, sentada ao lado de Ronaldo, concorda: “Para passar no vestibular, precisa saber todo o conteúdo que se aprende hoje no 2º Grau”. Ou seja, sem mudar o vestibular fica difícil transformar o 2º Grau.

Edson Gês 8.7.97



Estudantes do 2º Grau estão preocupados com a mudança proposta pela LDB